



A CRÍTICA COMO PENETRAÇÃO: O CORPO A CORPO NO PROCESSO DISCURSIVO DA LEITURA

Cleber Biciogo¹

Para introduzir este artigo gostaria de partir da apresentação de um ritual sem o qual não consigo me posicionar para falar. Imagino que o procedimento não seja estranho para a maioria de vocês, refiro-me ao corpo a corpo com a linguagem. O recurso consiste no confronto entre o gesto alheio e o próprio gesto de interpretação. O corpo do sujeito que lê e o corpo da palavra estão atados pela descrição, lugar onde os sentidos se abrem à interpretação. O que me impele a descrever, brevemente, a matéria significante sobre a qual me lanço. No entanto, gostaria de desenhar um gesto de apresentação que faz pensar de um modo singular os sentidos dessa exposição. Trata-se de uma metáfora:

Eu estou diante de um livro como diante de um lago. Diante de um lago, ora eu vejo a superfície tão cristalina que parece um espelho; outras, agitada pelas ondulações que o vento provoca. Eu olho para a superfície do lago e sei que a superfície não é o lago todo. Às vezes a superfície me engana. Porque é uma superfície transparente e, quando eu **mergulho** no lago, vejo tudo opaco, nada nítido. E somente tateando vou sentindo os contornos de uma pedra ou galho ou concha depositados no fundo, escondidos pela água. Quando a superfície é tranquila, no fundo pode haver um turbilhão. Mas pode suceder o contrário. Só saberá quem **mergulhar** (LINS, 2007, p. 90).

Essa metáfora formulada por um professor do Colégio Estadual Paulo Leminski, de Curitiba (PR), publicada em um manual de *Língua Portuguesa e Literatura*, trata-se de um posicionamento que expõe uma prática em que ler é *mergulhar*. Parafraseando o professor, acredito que é preciso antes de adentrar no lago, sondar a superfície para saber qual é o melhor lugar para mergulhar.

Um livro de poemas eróticos

O poeta Carlos Drummond de Andrade produziu um considerável conjunto de poemas eróticos, mas que só foram reunidos após a sua morte. Drummond publicou em vida apenas 9 das 39 composições da obra *O Amor natural* ([1988]1992), coletânea de poemas eróticos escritos entre 1975 e 1985. Os poemas constituem um indispensável complemento para compreender o sempre “incompleto” jogo das sete faces de sua obra. Para superar a dificuldade e a desordem ocasionadas pela dispersão dos textos em publicações diversas, a crítica literária Rita de Cassia Barbosa reúne os 09 poemas em um livro publicado no ano da morte do poeta (1987). A preocupação inicial, segundo a crítica, é dar um tratamento estético aos poemas. Deixando de lado o suporte teórico da psicanálise,

¹ Mestrando em Estudos Linguísticos - Laboratório Fronteiras/PPGEL/UFRS.

da antropologia, da filosofia – em um livro dirigido a princípio para o público universitário - a crítica produz um gesto de interpretação a partir da *penetração nos poemas*. Essa palavra, a *penetração*, parece vir no lugar de outra, a *leitura*. Sob a água turva desse livro dorme no fundo uma questão que se coloca como problema: quais os efeitos de sentido na metáfora em que *ler é penetrar*?

Uma metáfora no meio do caminho

Um caminho possível para compreender como a crítica formula a *leitura como penetração* é através da organização dos poemas dentro do livro. Dois poemas merecem atenção especial: *Nascer de novo* e *O outro emerge*. No primeiro, a relação com o erotismo não é direta, como em *O amor natural*, mas, segundo Barbosa, “a palpitação erótica percorre, imagetivamente, o poema, abarcando e supondo o corpo em relação à qual macho e fêmea aspiram” (1987, p. 18). A partir do poema a crítica chega a seguinte formulação:

Semanticamente, tanto os verbos sondar, inquirir, ajustar(-se) quanto a oposição “deste lado”/“do outro” lembram a **penetração**.

Os dois poemas são introduzidos por *Reconhecimento do amor*, poema que abre o livro, como apresentação da temática amorosa. A série arma o gesto de interpretação, sintomaticamente, guardados no capítulo *Preparando o terreno*. No final desse capítulo surge a síntese (o gesto): “*Nascer de novo* é permitir a *O outro* que assuma um *Corpo*, a fim de que, por seu intermédio, se realiza o *Re-conhecimento do amor*” (BARBOSA, 1987, p. 21). Acompanhar o itinerário do livro contribui para entender o funcionamento do gesto. Porque no capítulo seguinte a crítica posiciona-se frente à demanda (e a dispersão) de *O amor natural*, para “dimensionar” a sua interpretação.

O que se pretende é delinear e medir, a partir da **penetração** nos poemas, a representação poética de Eros em *O amor natural*.

O contato com o significante do outro é só o primeiro passo para compreender a cadeia que constitui o dizer do sujeito. Os sentidos não dependem apenas das propriedades linguísticas, são constituídos pelas formações discursivas. Daí a necessidade de compreender os sentidos constituídos na história e na memória. Nessa perspectiva, ao passo que o sujeito ressignifica o material simbólico que analisa, também, dissimula a interpelação ideológica.

Considerando que os sentidos sempre são divididos, a linguagem é sempre opaca, chegamos ao ponto em que as pernas procuram uma pedra no leito do lago, os movimentos aos poucos começam a desdobrar a imagem refletida na água, desfazendo as transparências de um gesto suspenso, “como se a linguagem e a história não tivessem sua espessura” (ORLANDI, 2012, p. 46).

Uma perspectiva histórico-discursiva

Segundo Pêcheux, a transferência de uma palavra para outra está na base da linguagem, para a análise de discurso ela é constitutiva do processo de significação, “o sentido existe exclusivamente

nas relações de metáfora” ([1975], 2009, p. 240). O percurso dos sentidos, o deslocamento, a transferência, no tempo e no espaço, possibilita compreender a memória discursiva.

a concepção do processo de *metáfora* como processo sócio-histórico que serve como fundamento da ‘*apresentação*’ (*donation*) de objetos para sujeitos, e não como uma simples *forma de falar* que viria secundariamente a se desenvolver com base em um sentido primeiro, não-metafórico, para o qual o objeto seria um dado ‘natural’, literalmente *pré-social* e *pré-histórico* (PÊCHEUX, 2009, p. 123).

A metáfora constitui-se em um modo de compreender o processo da leitura, reinteração de um processo teórico-metodológico já cristalizado por uma certa crítica literária, dentro de uma certa conjuntura histórica e ideológica, que ressalta a importância de partir do texto para um conceito, que destaca a necessidade de compreender o processo de significação como historicamente produzido. O sujeito crítico literário encontra-se definitivamente determinado pela própria “transformação da metáfora, de modo que ela apareça como o que é, ou seja, um processo não-subjetivo na qual o sujeito se constitui” (PÊCHEUX, 2009, p. 120).

A questão da subjetividade passa por uma dupla afetação. Ao passo que o sujeito precisa chegar a ilusão de completude, e que no curso desse empreendimento tropeça no fato de que é impossível dizer tudo, “supõe reconhecer que não há ritual sem falhas; enfraquecimentos ou brechas, ‘uma palavra por outra’ é a definição da metáfora, mas é também o ponto em que o ritual se estilhaça no lapso” (PÊCHEUX, 2009, p. 277). O gesto de interpretação expõe o sujeito e o sentido ao equívoco. Em que tanto o sujeito quanto o sentido só são interpretáveis pelo funcionamento da ideologia. E é esse funcionamento que procuramos compreender.

Como se entra num texto?

A metáfora é sustentada por um processo discursivo amplo, que intervém no sentido, no modo como ele significa. A partir da perspectiva histórico-discursiva, apontada por Pêcheux, podemos tomar as palavras por outras relações que não se limitam a sintaxe. Por mais que a palavra *penetração* não seja uma expressão estranha à crítica literária, no sentido de atravessar o texto para compreender o seu funcionamento, o que é singular, nesse fato, é o efeito metafórico do gesto da crítica em relação a outros dizeres, inscritos em outros lugares. Segundo Pêcheux, isso possibilita estudar a presença do “outro no interior do mesmo”.

[...] ao **mergulhar** nos poemas que compõem o corpus deste trabalho, muitas suposições foram reformuladas. Resta, pois, o segredo de *O amor natural* em seu todo, que só a **penetração aprofundada** poderá desvendar.

Ao reformular a metáfora em que *ler é penetrar*, para *ler é mergulhar*, isso constituiria um retorno ao mesmo espaço do dizer, ou seria uma ruptura no processo de significação? A relação entre duas proposições pode depender do fato de que “expressões e proposições literalmente diferentes podem, no interior de uma formação discursiva dada, ‘ter o mesmo sentido’” (PÊCHEUX, 2009, p. 148). No entanto essas duas proposições podem transitar por diferentes formações



discursivas, “sob a forma de pontos de estabilização que produzem o sujeito, com, simultaneamente, aquilo que lhe é dado ver, compreender, temer, esperar, etc” (*Idem*). Desse modo, “se admite que as mesmas palavras, expressões e proposições mudam de sentido ao passar de uma formação discursiva a outra” (*Idem*).

Essas são duas forças que trabalham continuamente o dizer, de tal modo que todo o discurso se faz nessa tensão: entre o mesmo e o diferente. Se toda vez que falamos, ao tomar a palavra, produzimos uma mexida na rede de filiações de sentidos, no entanto, falamos com palavras já ditas (ORLANDI, 2012, p. 36).

Nesse sentido, acredito que a metáfora da *leitura como penetração* envolve diferentes formações discursivas. O movimento da metáfora permite compreender como ela se constitui nas relações com a língua, com a história, com os sentidos. A metáfora é uma prática política que o sujeito assume ao se posicionar em relação ao objeto, estando sempre em disputa com outras posições. Assim, a transferência entre uma palavra e outra é necessária, isto é, obrigatória, pelo trabalho da formação discursiva com a qual a crítica se identifica.

Com efeito, a *metáfora da leitura como penetração* funciona como apresentação, por meio de uma série de efeitos discursivos, de um objeto: a temática amorosa dentro da obra do poeta Carlos Drummond de Andrade. Como sabemos a metáfora não é uma “simples forma de falar”, que substituiria um dizer que a *priori* seria “não-metáforica”. Creio que para pensarmos discursivamente a *metáfora da leitura como penetração* devemos considerá-la dentro de um processo de exposição de um objeto em relação constante com o político-ideológico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, Rita de Cassia. *Poemas eróticos de Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Editora Ática, 1987.

LINS, Antônio Eduardo Leitão Navarro. *Sobre a modernidade ou como ler um livro*. In: Língua Portuguesa e Literatura. Curitiba: SEED-PR, 2006.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 10. ed. Campinas: Pontes, 2012.

PÊCHEUX, Michel; GADET, Françoise. *A língua inatingível: o discurso na história da linguística*. Campinas: Pontes, 2004

_____. *Semântica e discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. 4. ed. Campinas: Editora Unicamp, 2009.